

As vozes do gramado: relato de ex-atletas sobre a formação do Sindicato de Futebolistas

Profissionais do Rio de Janeiro (1971-1982)

Carlus Augustus Jourand Correia

Universidade Federal Fluminense – Niterói.

Resumo

O texto é parte de uma pesquisa realizada com ex- atletas de futebol que participaram da fundação do sindicato de atletas de futebol do Rio de Janeiro. O trabalho procura inicialmente explicar o surgimento da SAFERJ e, a partir disso, realizar alguns apontamentos sobre a formação da memória coletiva da instituição, através do entendimento de suas trajetórias pessoais e profissionais. O estudo parte do princípio que as especificidades da profissão, juntamente com a formação de um *habitus* futebolístico e uma experiência adquirida em lutas individuais e coletivas, são elementos indispensáveis para compreender a formação dessa memória coletiva do sindicato e a sua posterior consolidação.

Palavras-Chaves: Sindicato; Memória; Futebol; Atletas.

Abstract

The text is part of a research accomplished with former soccer athletes that participated in the foundation of the athletes' of soccer of Rio de Janeiro union. The work tries initially to explain the appearance of SAFERJ and starting from that to accomplish some notes about the formation of the collective memory of the institution, through the understanding of their personal and professional paths. The study analyse that the specificities of the profession, together with the formation of a football *habitus* and an acquired experience in individual and collective fights are indispensable elements to understand the formation of that collective memory of the union and his/her subsequent consolidation.

Keywords: Trade Union; Memory;Football, Athlete.

Introdução: O surgimento e constituição do sindicato.

O surgimento do sindicato dos atletas de futebol do Rio de Janeiro pode ser compreendido através de um processo paulatino de conquistas e disputas dentro do campo esportivo que irá culminar no ano de 1979, com a fundação dessa instituição. O reconhecimento do sindicato pelo

ministério do trabalho é datado de 19 de novembro de 1979, contudo sua formação deve ser remetida a um período mais recuado no tempo. Esse sindicato é consequência de um longo processo de lutas e conquistas que podem ser divididas em quatro momentos. O primeiro deles, e responsável por desencadear o processo se inicia no ano de 1971 com Afonsinho¹, jogador que decide reivindicar seus direitos e lutar contra a dominação exercida pela Lei do Passe². Afonso Celso Garcia Reis foi uns dos poucos jogadores a confrontar os dirigentes e treinadores em busca de seus direitos e o primeiro a conseguir o passe livre.³

Sua luta inspirou muitos outros jogadores e serviu de exemplo comprobatório de que os atletas deveriam lutar pelos seus direitos. Sua vitória nos tribunais representou um marco na luta dos atletas por condições melhores de trabalho. A partir da luta empreendida por Afonso Celso Garcia Reis contra a lei do passe, muita das condições precárias sob as quais viviam os jogadores foram discutidas e debatidas nos meios de comunicação, nos clubes e pela própria sociedade da época em músicas como “*Meio-Campo*” de autoria de Gilberto Gil e o filme “*Passe Livre*” de Oswaldo Caldeira.

Um segundo momento pode ser traduzido em 1976 com a promulgação dos estatutos e regulamentação da profissão de jogador de futebol por lei federal⁴, definindo e delimitando quais as obrigações do empregador e do empregado. Essa promulgação pode ser considerada consequência das questões de 1971 principalmente sobre dois aspectos; o primeiro é que através dos debates no campo esportivo e na sociedade civil sobre a profissionalização do esporte e sua maior comercialização, tornava-se inevitável e extremamente necessário à profissionalização completa dos atletas de futebol inserindo-os no rol das profissões legalizadas e relacionadas com o ministério do trabalho, principalmente por causa das demandas do mercado internacional.

Conseqüentemente, após a regulamentação da profissão de jogador surgem novas perspectivas e possibilidades de organização entre os quais podemos citar o terceiro momento em

1977, quando surge a Associação Profissional de Atletas de Futebol, sobre a liderança de Zé Mario, e auxílio de Zico, que juntamente com a ajuda da AGAP (Associação de Garantia ao Atleta Profissional) e FUGAP (Fundo de Garantia de Amparo ao Atleta) iniciaram a luta conjunta pelos direitos dos jogadores, contudo essas associações ainda possuíam um caráter apenas de auxílio e assistência para os atletas.

Por fim, num quarto momento e finalmente dois anos depois, em 1979, surge o sindicato dos atletas de futebol do estado do Rio de Janeiro, primeiro sindicato de jogadores do Brasil, tendo como primeiro presidente Zé Mário. Esse atleta era na época jogador do Vasco da Gama e possuía contato estreito com alguns dirigentes, entre eles o juiz togado Francisco Horta. Além disso, Zé Mario era uma pessoa muito engajada politicamente e que possuía estudos na área de engenharia mecânica. Ele foi o principal articulador do sindicato dos jogadores de futebol do Rio de Janeiro, lutando pelo direito de vários atletas e sendo o principal mediador entre os eles e os dirigentes, sua percepção sobre os rumos que o futebol vinha tomando foram importantíssimos para as negociações com os dirigentes do futebol carioca e brasileiro.

Essa instituição foi à primeira desse tipo no país, pois até esse momento existiam outros sindicatos de atletas, mas neles eram congregadas diversas modalidades de esportes. Com isso apenas com a SAFERJ⁶ é que surgirá o primeiro sindicato exclusivo de atletas de futebol.

A fundação dela foi seguida posteriormente pela fundação de outros sindicatos estaduais, tais como os existentes em São Paulo, Santa Catarina e Goiás. Atualmente o cenário futebolístico brasileiro já conta com um sindicato nacional, que se propõem a representar todos os jogadores filiados a Confederação Brasileira de Futebol. Essa instituição surgiu em 2001, através da movimentação e dos debates de ex-atletas e juristas do campo do esporte, entre eles Edson Arantes do Nascimento, o Pelé, Alfredo Sampaio e Arthur Antunes Coimbra, o Zico.

A forma de luta empreendida por essa instituição também pode ser entendida através da sua constituição interna. A SAFERJ possuía entre o ano de 1977 e 1982, quinhentos e noventa e oito atletas vinculados a instituição⁷, se pensarmos que o futebol carioca possuía em média naquela época um número de 1.578 atletas profissionalizados, com uma flutuação entre 1% para mais ou para menos no número de jogadores entre esses anos de 1975 e 1982⁸. Isso demonstra que o número de sindicalizados era relativamente expressivo (40%) para um sindicato jovem de apenas três anos como era o caso da SAFERJ. No entanto, não devemos nos enganar com esses dados, pois esse número todo de inscritos não participava efetivamente da instituição, já que alguns dentro desse bojo estavam filiados à ela, mas encontravam-se em outro estado ou fora do país dificultando drasticamente seu poder de atuação.

O que vale a pena compreender nesses números é que mesmo não havendo uma participação efetiva desses 598 membros que passaram ao longo desses anos pelo sindicato, eles estão inscritos lá e são representados diretamente pela instituição, esse número de afiliados, mesmo que não sejam todos participativos traz para a instituição uma legitimidade e um poder perante os outros agentes desse campo esportivo⁹. Ela representa mais de um terço do grupo profissional dos jogadores do estado do Rio de Janeiro nessa época, fato que não é desprezível, visto que muitos tinham receio de se filiar por sofrer represália dos dirigentes de clubes.

Entre esses filiados pude perceber uma grande heterogeneidade em sua participação, desde jogadores consagrados, como Zico, Cantarelle e Afonsinho, até outros jogadores mais desconhecidos como Celso Alonso que atuou no CRB¹⁰ e depois veio para o Rio. Entre os dados estatísticos computados, dos 598 atletas pelo menos 297¹¹ tinham passado em certo momento por algum clube grande no Rio de Janeiro, no entanto poucos tinham se firmado ou conseguido projeção nacional. Desses 598 apenas 30 ou 50 atletas tinha uma grande ascendência na mídia, os outros eram do 2º ou 3º escalão do futebol.

Com isso, percebemos que a maioria dos jogadores inscritos nesse sindicato era de clubes de menor expressão. No entanto, a atuação e participação deles parecem ser bem mais fracas, tanto quando analisamos as entrevistas dos atletas envolvidos, quanto quando percebemos as atas de participação das reuniões anuais. Em sua maioria esses atletas buscavam na instituição uma forma de lutar por seus direitos e combater as formas de dominação impostas pelos clubes e dirigentes sobre a sua forma de pensar, agir e usar o seu corpo. (Florenzano 1998: 53-54). O sindicato possuía uma função que extrapolava o viés jurídico e permeava também uma relação de ajuda associativa nos momentos de crise, como no caso de uma aposentadoria traumática ocasionada por uma lesão.

Uma das principais lutas empreendidas pelo sindicato foi tentar abolir o passe, visto em todas as entrevistas como um sinal da escravidão, ora traduzido em um grilhão, ora numa bola de ferro, ora como escravidão branca, mas sempre conotando uma idéia de aprisionamento. Além da luta pelo passe livre, os jogadores buscavam férias regulamentadas em lei com a duração de trinta dias, jogos com intervalo de no mínimo quarenta e oito horas além do recolhimento regular do fundo de garantia. Na maioria das vezes, essas bandeiras de luta eram puxadas pelos jogadores mais proeminentes na sociedade que aproveitavam seu prestígio no campo esportivo (Bourdieu 1983: 137-138) para fortalecer as demandas do sindicato.

Com a palavra os atores: Narrativas e interpretações sobre o sindicato

Foi dentro desse grupo que coletei as cinco entrevistas que fazem parte dessa pesquisa, pois entre eles busquei presidentes e jogadores de destaque dentro da instituição. Esses atletas são Zé Mário, um dos fundadores do sindicato e primeiro presidente da instituição; Afonsinho, primeiro jogador a conseguir passe livre e também fundador do sindicato; Gaúcho, ex -

presidente do sindicato; Júnior, grande atleta do Flamengo e um dos diretores do sindicato durante a gestão de Zico e por fim o atual presidente do sindicato, o ex-atleta Alfredo Sampaio.

Quando falavam de suas trajetórias pessoais esses cinco jogadores sempre mostraram desde o início das entrevistas uma relação quase que mágica com a bola, alguns deles nem mesmo falavam a palavra futebol, preferindo se referir a essa prática como a função da bola em si, como cita o jogador Afonsinho, quando eu o perguntei sobre o futebol na sua infância:

Desde de a minha lembrança mais remota eu sempre tive contato com a bola né?! Chutar a bola. Eu passei minha infância em Marília, nasci em São Paulo na capital, mas nunca morei lá, minha família era toda de lá, passei minha infância em Marília e desde já jogava bola, sempre que eu me lembre envolvido no quintal de casa, no campo de terra...¹²

Em um primeiro momento parecia tratar-se de uma simples substituição do termo, ou a aplicação de uma metonímia, onde a bola significaria o todo, mas ao longo da análise da entrevista e de outras que se seguiram percebe-se que o uso do termo não era algo desprezioso ou ausente de uma intenção ou idéia dos praticantes do discurso.

Para esses jogadores que entraram muito novos na carreira de jogador, entre meus entrevistados a média varia dos 10 anos aos 14 anos, a bola parece exercer uma fascinação que transcende o esporte. Segundo o que pude perceber para três deles, Júnior, Afonsinho e Gaúcho a bola é sinônimo de algo puro, a questão da brincadeira, da jocosidade, que em alguns momentos da entrevista choca-se com o futebol chamado por eles de científico e que acarreta obrigações e limitações em sua criatividade. Essa hipótese parece ser plausível principalmente se percebermos o panorama que se configura no futebol desde a década de 1980, quando as relações esportivas buscam cada vez mais a superação das performances dos atletas para obtenção de resultados, que poderão ser usados como meios de propagandas para a venda dos mais diversos produtos para o consumo da sociedade. (Proni 2000: 67-68). Nesse processo o jogador acabou perdendo grande

autonomia profissional e individual no futebol e talvez para esses jogadores a “bola” seja o último refugio dessa autonomia. Um trecho que ilustra bem essa idéia está no discurso de Gaúcho:

Ah, a bola... para mim a bola significa liberdade sabe, significa o mundo, quando penso em bola, penso em brincadeira, em fazer o que eu quiser, tive que entrar para o futebol muito cedo para ajudar minha família, mas futebol não me impedia de às vezes ir lá e bater minha bola.¹³

Tecnicamente “bater bola” é o mesmo que o futebol, mas pelo significado investido nesses discursos percebi que jogar bola pode ser até mesmo oposto ao futebol, pois o primeiro estaria no local da diversão e da liberdade e o segundo no campo da obrigação e dos ditames de outros que impediriam a prática do esporte segundo as maneiras que eles enxergavam como certas. Sendo assim essa noção do sentido da liberdade e da noção de que o futebol deve ser antes de tudo algo prazeroso norteia as palavras dos atletas. Na minha opinião essa perspectiva está diretamente relacionada com as escolhas deles e a atuação dos mesmos no movimento sindical e nas disputas por um futebol que tente se aproximar ao máximo da bola. Essas idéias captadas através das entrelinhas das entrevistas foram importantes para que de certo modo eu pudesse entender qual a visão que eles tinham do futebol.

Para compreender essa percepção do futebol pelos atletas, realizei o procedimento que Alessandro Portelli cita em seu artigo a “Filosofia e os fatos” (Portelli 1996: 4), e que se torna essencial para o trabalho com a História Oral. Busquei tornar esses jogadores depositários de suas próprias filosofias e testemunhos, não procurando assim os fatos para análise das trajetórias pessoais e sindicais, com isso os discursos constituem si a fonte necessária.

Em seus testemunhos percebi que quase todos tinham o sonho de ser jogador de futebol, (com exceção de Zé Mario que tinha o desejo de ser engenheiro mecânico) e que a partir desse sonho acabaram se tornando jogadores de futebol muito cedo. Essa profissionalização prematura

mostra-se uma regra na sociedade brasileira de outrora e com o passar dos anos vem sendo aprofundada por causa da hipermercantilização de dons do futebol moderno (Damo 2007: 95-96). Mas acima de tudo essa entrada dos entrevistados no mundo do futebol gera uma cisão na prática do esporte como algo lúdico e no qual eles em seus relatos retomam como uma lembrança remota. Isso ocorre principalmente porque desde o início das categorias de base nos clubes, esses pequenos jogadores são submetidos a intensos treinamentos que podem chegar a um total de 5000 horas, essas atividades visam o aprimoramento dos capitais futebolísticos desses futuros atletas, na intenção de “lapidar os diamantes brutos” (Damo 2007: 139), com isso busca-se muitas vezes a lapidação do talento, gerando sua castração e adequação as necessidades do mercado, impossibilitando o futebol criativo, descompromissado e lúdico em prol do futebol de resultados.

Outra questão que apareceu muito no diálogo com os atletas foi a noção da sua profissão como algo realizado por artistas e não por trabalhadores. Em todas as entrevistas não foi citada uma única vez o termo mercado de trabalho, e quando numa delas o jogador Afonsinho deixou escapar esse termo foi logo se consertando e dizendo que não gostava de usá-lo, como cita:

... num determinado momento abruptamente eles reduziram o elenco para 18 a 20 jogadores, era uma coisa recorrente, então essa expressão que eu não gosto de usar mercado de trabalho ficou restrita porque você reduzia de 40 para 20...¹⁴

A primeira questão feita ao reler essas entrevistas foi pensar porque esses ex-jogadores faziam questão de renegar um mercado de trabalho, através da função do “não dito”, levando em consideração que esse termo está cristalizado no campo esportivo atual e que sua prática já é naturalizada por quase todos os agentes dentro desse campo.

Essa tentativa pode estar ligada diretamente à concepção de artistas na qual eles investem a sua função profissional. Todos os jogadores que entrevistei citaram em algum momento termos

como talento, dom, plasticidade, que nos remetem diretamente a questões artísticas e nesse contexto o relato de Gaúcho é revelador:

O jogador de futebol é um artista e eu falo assim, qualquer profissão que você escolhe, se você se dedicar, estudar, você chega. Agora jogar bola você pode gostar. Mas não vai chegar, você nasce com aquilo, assim como o músico, o escultor ou o pintor¹⁵

Nesse trecho, Gaúcho entende que o jogador é um artista porque acima de tudo possui um dom, uma dádiva que lhe é exterior a própria vontade, nessa questão a habilidade de “bater a bola” é natural, assim essa interpretação do dom está ligada à concepção de cultura como *kultur* porque naturaliza determinadas características do *habitus*, por meio dessa frase, o jogador Gaúcho mesmo que sem saber acaba entendendo a profissão de jogador de futebol como uma propriedade intrínseca ao ser, ao invés de adquirida, tendo como ponto de observação às idéias de Norbert Elias sobre *Kultur*. (Elias 1994: 89)

Sendo assim, nesse fragmento o jogador deixa explícito que se reconhece como uma artista, logo podemos pensar que ao se considerarem como tais, buscam uma autonomia, uma liberdade, um sentido criativo dentro de suas funções. No entanto a aceitação de um mercado de trabalho rigidamente hierarquizado retiraria deles uma certa idéia de autonomia, que eles buscaram durante toda a carreira e que deixaram transparecer principalmente ao falar da infância e da sua relação lúdica com a bola.

Juntamente com isso, há também questão do mercado de trabalho que está ligada principalmente às transferências que no momento das carreiras desses jogadores sempre se constituíram em um problema, visto que todos esses estavam presos à lei do passe, ou tiveram sérios imbróglis relacionados a ela. Com isso acredito que a negação ou a ocultação desse mercado seja uma estratégia desses atores em dizer que não concordam com isso, ou que refutam totalmente o funcionamento das práticas trabalhista da época.

Isso pode ser visto em todas as entrevistas quando foi feita a pergunta sobre o que era o passe. Em todas as respostas os termos ligados à escravidão ou ao aprisionamento vieram à tona, como mostram os trechos:

... porque agente não tinha para onde correr, o clube era teu dono, manda em você e fim de papo¹⁶

Parece que era uma tentativa de não sei bem. No meu caso como no jogador era como uma prisão, um absurdo, um vínculo do tipo escravagista, na minha maneira de ver...¹⁷

O passe era um vínculo vitalício com o clube que tinha todos os direitos sobre o atleta. O clube poderia fazer o que quisesse com o atleta, chegando ao cúmulo de obrigar o atleta à não jogar mais futebol. Uma verdadeira escravidão branca¹⁸

Percebi também que a construção da memória desse grupo e sua conseqüente coesão é fruto direto do compartilhamento de um *habitus* comum desses jogadores. Segundo Pierre Bourdieu esse conceito seria uma “natureza incorporada” conseqüência das estruturas estruturantes (modus operandi) que fariam os agentes dialogarem com as estruturas influenciando-as, mas sendo igualmente influenciadas por elas, como cita Bourdieu:

O *habitus* é o principio gerador de práticas distintas e distintivas - o que come o operário e como come, o esporte que pratica e sua forma da praticá-lo, as opiniões políticas e as formas suas de exprimi-las, que são diferentes da forma de percepção de um industrial..(Bourdieu 1983: 43).

Com isso o *habitus* de um indivíduo só pode ser entendido através do conhecimento de sua trajetória individual e o ambiente onde esse indivíduo viveu e ainda vive, sendo assim esse *habitus* seria responsável pelas nossas ações e pelos nossos discursos.(Rocha 2007: 53).

A memória desse grupo e sua aproximação estariam ligadas então a um *habitus* futebolístico caracterizado por algumas especificidades enfrentadas pela maioria deles na sua profissão e também nas suas trajetórias de vida. Entre algumas dessas especificidades podemos destacar a já mencionada entrada precoce na esfera do esporte, motivada por necessidades

financeiras ou por sonho em ser jogador de futebol. (Damo 2007: 107).As difíceis condições trabalhistas e a ausência de liberdade decisória nos rumos da profissão são outras experiências compartilhadas por eles e responsável por uma aproximação desse grupo, como comprova Bourdieu:

O habitus é o senso prático do que fazer em uma determinada situação[...]Esse senso prático é realizado por sujeitos que agem segundo suas experiências adquiridas em lutas anteriores e na própria mudança que eles podem realizar. Operam com isso em uma estrutura estruturada e uma estrutura estruturante(Bourdieu 1983: 23)

Por fim, um dos principais pontos que une esses atletas em torno de uma mesma *hexis* e a profissão de jogador de futebol, ocupação repleta de especificidades, que contém diversas armadilhas e percalços que de uma hora para outra podem alterar drasticamente a realidade profissional do indivíduo.(Damo 2007: 152).Contudo essa noção de *habitus* não serve apenas para entender a aproximação desses artífices sociais, mas também para compreender o discurso deles nas entrevistas já que suas declarações são fruto direto da influência dessa *hexis*, logo toda a experiência pessoal e profissional que eles viveram e ainda vivem são responsáveis diretamente em suas respostas e declarações.

Assim, devemos entender que todas essas especificidades da profissão criaram um *habitus* próprio e diferenciado desses atletas em relação ao outros trabalhadores, assim seus comportamentos e suas idéias estão diretamente relacionados a essa realidade. Junto com isso devemos entender que a lógica do campo esportivo e a espetacularização do esporte principalmente a partir da década de 1970 aproximou esses atletas do já referido patamar de artistas e favoreceu a criação desse *habitus*.

Por meio dele os jogadores formam a sua comunidade imaginada, sua combatividade e sua adesão afetiva ao grupo, pelo que pude perceber muito da memória coletiva desses jogadores e seu posterior sentimento de coesão, está sedimentada numa noção de futebol que passa por todos

os aspectos anteriormente citados, mas também pela diferenciação entre eles e os atuais jogadores.

Isso pode ser percebido pela procura incisiva em estabelecer diferenciações claras entre eles e os jogadores de hoje, investindo suas ações de uma maior combatividade e maior esclarecimento do que os jogadores atuais. Pela narrativa desses cinco jogadores pode-se perceber que a memória coletiva do sindicato não é formada pela combatividade do grupo profissional, como um organismo altamente organizado e engajado politicamente baseado numa participação maciça dos jogadores.

Essa memória coletiva é formada principalmente através de diversas memórias individuais construídas por esses atores que reforçam o sindicato como sendo empreendido e estruturado pela força dos grandes jogadores.

A memória forjada para o sindicato parece estar mais focada no ineditismo da ação e no momento em que ela foi empreendida, período em que o país passava por um conturbado cenário político de censuras e perseguições, fruto da ditadura militar e do intenso processo de militarização que o futebol nacional vinha atravessando. Assim a militarização pretendia realizar dois objetivos principais sobre o jogador; a domesticação do seu corpo, com a transformação dele numa máquina dócil e em segundo lugar a transformação desse atleta em um super-homem com um excelente condicionamento físico realizado pelos treinamentos quase militares nos clubes.

Nessa perspectiva o jogador muitas vezes visto como indolente e “malandro”, teria que ser através da disciplina transformado em um soldado dócil, uma parte de uma engrenagem maior sob a qual sozinho ele não tinha quase utilidade.

Essa militarização conferida sobre os jogadores de futebol não preconizava apenas uma preparação física dura e extenuante, com treinamentos em período integral, ela também exaltava a necessidade de uma docilidade automática dos atletas as ordens superiores não só dos técnicos,

como também dos dirigentes. Com isso essa prática militar afirmava claramente a constituição de uma hierarquia onde esses atletas eram os últimos que podiam reclamar de suas situações e seus problemas perante aos outros. Evidentemente essas medidas de militarização, explicitavam que o jogador de futebol devia seguir as ordens sem contestação. Esta conduta alijava qualquer tipo de reivindicação por parte dos mesmos, que se viam na mão dos dirigentes e dos clubes de futebol.

A partir disso, três desses jogadores comentaram que um dos principais méritos do sindicato era ter nascido nesse momento onde nem tudo que se queria dizer podia ser dito, a memória coletiva desse sindicato passa primeiramente pela lembrança do momento em que ele surge e com isso acaba ressaltada a combatividade não da instituição, mas sim dos primeiros membros que estiveram inseridos nela e que mesmo num momento de repressão buscaram seus direitos, como cita Gaúcho:

... quando ele quis fundar(Zé Mário) o sindicato do Rio, o atleta entendeu e veio junto, veio junto num momento difícil e num momento que o Brasil não tava fácil e até risco de perseguição, e os jogadores foram destemidos, correram o risco e sem bairrismo...¹⁹

É interessante perceber que durante todo o momento os entrevistados falam de tal jogador que “puxou” uma bandeira, ou “fulano” que “puxou” outra bandeira, mas não falam que o sindicato é que articulou o movimento. Isso é algo curioso, visto que se todos eles estavam filiados ao sindicato e um deles inicia o movimento, automaticamente essa seria uma ação do sindicato, visto através de uma coletividade e não de um indivíduo.

Nessa memória constituída para o sindicato os indivíduos parecem exercer uma proeminência grande perante a instituição. Como podemos perceber nos relatos de alguns atletas.

Era uma participação aquém mais de uma forma ou de outra eu consegui estruturar o sindicato de uma maneira que nós mesmos sem ter o apoio maciço nos ganhamos o respeito da forma que nós tocávamos isso aqui...²⁰

O grande passo começou em 1977, primeiro com uma associação com o Zé Mario puxando e agente foi procurando os caminhos e em 1979 foi formado o sindicato, com o Zé Mário como presidente...²¹

Isso pode ser fruto do próprio momento no qual esses atletas relataram para mim suas experiências. Pois como nós sabemos nos relatos dos entrevistados e na articulação da história oral, o indivíduo relata o passado através das influências do presente, e com isso dialoga constantemente com as operações da sua memória influenciadas por toda uma história de vida que é posterior ao fato.

Sendo assim, a memória coletiva do sindicato dos jogadores de futebol do Rio de Janeiro foi influenciada por uma nova percepção que os jogadores têm do futebol e dos rumos que o sindicato acabou tomando ao longo do tempo. Essa memória coletiva também parece se cristalizar com relação a um passado que se diferencia muito do presente, para esses jogadores é como se houvessem dois sindicatos, o que surgiu em 1979 e o que existe hoje, para a maioria desses jogadores o sindicato daquela época como eles chamam é o verdadeiro em oposição a um sindicato atual. (Pollack 1989: 5).

Essa observação pode ser construída através de duas vertentes; a primeira seria que ao viver esses novos tempos do futebol e de hipermercantilização do esporte (Alvito 2006: 457), esses jogadores com o qual conversei, visualizam esses novos atletas como algo totalmente diferente deles e que não se enquadrariam naquele sindicato, como cita Gaúcho no seguinte trecho:

Aquele momento foi o melhor momento do sindicato, quando ainda não era nem sindicato, porque houve uma participação muito grande dos jogadores [...] uma coisa que ia proteger agente, todo mundo se uniu e era uma momento de salários não muito diferentes, de geladeira vazia e geladeira cheia , todo mundo ganhava um nível parecido, hoje é diferente um ganha três mil e o outro cento e tal , não era assim , as coisas era mais ou menos niveladas²²

A segunda vertente na construção da memória coletiva desse sindicato seria que esses atletas buscam na instituição que descrevem um refúgio idealizado que remonte a um passado e que diga para si mesmo e para os outros que eles não concordam com os rumos que o futebol

vem seguindo atualmente. Por isso ao relatar as práticas empreendidas naquele momento e nas lutas que eles realizaram, esses atletas acabam fazendo uma militância silenciosa. Nessa militância eles evidenciam que as condições dos jogadores nem sempre foram fáceis e que ainda hoje estão longe de ser as ideais, contudo se não fosse o ineditismo de suas ações talvez nada disso tivesse ocorrido.

Conclusões sobre a construção da memória do sindicato.

Dentro dessa memória coletiva forjada sobre o sindicato, os indivíduos parecem exercer uma predominância perante o “todo”, assim as figuras de Zé Mário e dos principais jogadores se destaca perante o grupo em geral.

Isso pode ser motivado pela própria estrutura que englobava e ainda engloba a instituição, visto que na SAFERJ. Nessa instituição as decisões são tomadas principalmente através de um cúpula eleita para um mandato de cinco anos, (normalmente os jogadores mais destacados é que geriam a cúpula, por causa de seu maior destaque e conseqüentemente poder de barganha no campo esportivo), mas que podem permanecer no poder por mais tempo se não houver interessados em dirigir o sindicato. A maioria dessas decisões é tomada por essa cúpula, mas em acordo com os jogadores filiados.

O subterfúgio da predominância do poder da cúpula, formada até hoje primordialmente por ex-atletas, foi uma saída encontrada pelos jogadores para manter o sindicato vivo, já que essa base é muito fluída, com isso decisões, planejamentos e reivindicações seriam mais difíceis de serem empreendidas pelos jogadores. No momento de sua fundação até o na de 1982 o presidente foi Zé Mario, que conseguiu com grande auxílio de Zico dentre outros, conciliar a profissão de jogador de futebol, com a gestão do sindicato. Com isso a própria estrutura utilizada serviu para que ações individuais ou de um grupo restrito mantivesse a instituição funcionando.

Contudo nessa aparente homogeneidade na construção da memória do sindicato existem algumas memórias em disputa na construção ou (re) construção do passado do sindicato dos jogadores de futebol do Rio de Janeiro. Nesse aspecto a entrevista de Afonsinho é interessante, pois desnuda elementos de conflito que desestruturam totalmente a tentativa de continuidade e estabilidade desempenhada pelos outros entrevistados ao construir a memória do sindicato.

Em diversos momentos comparando as entrevistas pareciam que não estavam falando do mesmo assunto, e Afonsinho chegou a me questionar se eu achava que tinha existido algum sindicato. Como ele cita no trecho:

eu penso que... assim como eu disse que uma associação entre grupo de interesses é uma necessidade, necessidade principal talvez, das coisas caminharem bem, eu acredito que a paz é filha da justiça.[...] eu acredito em nada diferente disso e então, e no caso na minha concepção do sindicato é uma forma de associação que seja, é procurar esse caminho, da alegação da solidariedade, então eu achei que a orientação não era essa que não seguia a direção, que eu não via o sindicato dessa forma[...]seria saudável se houvesse(debates), mas não funciona como sindicato uma coisa que tenha essa história né, não tem alternância, não é um organismo vivo como necessariamente tem que ser²³

Esse relato claramente tende a subverter a memória estabilizada e hegemônica do sindicato que mesmo não sendo considerada altamente combativa pelos entrevistados não é, no entanto posta em xeque como um instrumento legítimo de luta na forma como era levada naquele momento como acabou revelando Afonsinho.

O testemunho de Afonsinho e sua conseqüente memória individual sobre o sindicato podem estar ligados diretamente à concepção e descrença que o ex-atleta mostrou perante os rumos do futebol atual. Talvez ao analisar os caminhos que o futebol seguiu e a atuação do sindicato perante essas transformações ele tenha chegado a uma construção de memória da instituição como algo falho e praticamente inexistente para combater as transformações estruturais do esporte, como evidencia o seguinte fragmento.

... hoje são corporações, hoje acho que tem a Sonda, a não sei o que, e isso é um negócio seriíssimo, porque desse modo ela manda em quantos clubes ela possa mandar, agora a essência

de tudo de qualquer sistema político, econômico, qualquer sistema e no caso do futebol o que vale é o clube... o torcedor, qualquer sistema que você ponha, o mais radical, capitalismo, socialismo, no caso do futebol, enquanto existir futebol o torcedor é que vai, ou seja, na marca que vende, no bilhete, na transmissão, sempre é o torcedor, a realidade de nossos dias hoje mesmo mutante que ela, é uma coisa pavorosa e não vejo o sindicato nessa história²⁴

A partir desse trecho percebemos que Afonsinho entende que o sindicato em certo momento falhou, ou se ausentou na luta por um futebol melhor, para ele o sindicato em algum momento não cumpriu com o seu objetivo fundador, essa idéia dele em muito vai de encontro com a dos outros jogadores entrevistados que mesmo vendo a difícil atuação da SAFERJ, entendem que o sindicato interviu até onde foi possível e constroem para instituição um balanço positivo no cenário do futebol brasileiro.

Assim, compreendemos que a memória do sindicato possui várias memórias que a todo o momento dialogam com a memória hegemônica e tentam subvertê-la, transformando-a em algo diferente. Uma das principais questões que giram em torno desse conflito está ligada à participação dos jogadores dos times de menor expressão, enquanto alguns dos entrevistados relatam e constroem uma memória em cima da participação de todos os tipos de jogadores de futebol, outros dizem que a participação dos jogadores de clubes pequenos foi escassa ou quase inexistente. Com isso podemos perceber que a memória do sindicato está longe de ser algo imóvel e imutável, já que está em constante transformação e mudança, decorrente tanto das disputas internas, quanto da alteração gradual de seu *habitus*, decorrente das novas experiências pessoais e dos novos ambientes vividos por eles.

Contudo, para pensar a memória do sindicato devemos entender que essa instituição é feita por pessoas, atores sociais que dentro das estruturas sociais possuem estratégias, que passam por diferentes tipos de ações e discursos que não necessariamente aconteceram daquela forma pelo qual ela é relatada. (Portelli 1996: 5)

No entanto, é imprescindível entender que esses relatos em si são uma importante fonte para o estudo da memória da instituição e que somente com compreensão das experiências desses atletas é que poderemos compreender melhor ainda não só a memória coletiva desse grupo, mas também as suas estratégias para a construção dela.

Notas:

¹ Jogador de futebol que atuava pelo Botafogo entre as décadas de 1960 e 1970.

² A Lei do passe vigorou de 1976 a 2001 no âmbito da lei nº 6.354 de 2 de setembro de 1976, e pode ser entendida como uma carta que assegura ao clube direitos absolutos sobre a transferência do jogador. Este documento, O “certificado de transferência”, vincula inteiramente o jogador ao clube que tem a propriedade de seu passe.

³ Passe significa a relação estabelecida entre o atleta e o clube, onde segundo um contrato as partes celebram a união de interesses e onde o clube possui poderes sobre os jogadores por um período que extravasa o contratual.

⁴ Lei nº 6354/76, de 02 de setembro de 1976.

⁵ Jogador de futebol que atuava pelo Vasco na época de fundação do sindicato.

⁶ Sindicato dos Atletas de Futebol do Estado do Rio de Janeiro

⁷ Dados coletados através de fichas de inscrição guardadas na SAFERJ. Essas fichas não possuem nenhum tipo de organização prévia e foram superficialmente organizadas por mim em ordem crescente da numeração das inscrições. Elas se encontram em uma caixa-arquivo no 4 andar, em um armário de alumínio.

⁸ Dados coletados no sitio da Confederação Brasileiro de Futebol individualmente por ano, e organizado estatisticamente por mim para o presente trabalho. Os dados separados podem ser encontrados em: www.cbf.com.br.

⁹ Segundo Pierre Bourdieu o campo esportivo é um espaço de instituições e de agentes diretamente ou indiretamente ligados à existência de práticas e de consumos esportivos onde estão inseridas relações de força e monopólio, de disputas e estratégias. Local onde está focado acima de tudo o monopólio da competência de determinados elementos sejam eles o poder decisório dos rumos do esporte ou até mesmo a disputa pelo domínio desses mercados de consumos esportivos

¹⁰ Clube de Regatas Brasil, situado na cidade de Maceió em Alagoas.

¹¹ Dados retirados das fichas de inscrição no sindicato dos jogadores de futebol do Rio de Janeiro.

¹² Entrevista com Afonso Celso Garcia Reis, ex-atleta de futebol, concedida em 19/01/2009. pág 1

¹³ Entrevista com Carlos Roberto Orrigo da Cunha, ex-atleta e ex-presidente do sindicato, concedido em 17/02/2009.
pág 4

¹⁴ Entrevista com Afonso Celso Garcia Reis, ex-atleta de futebol, concedida em 19/01/2009. pág 7

¹⁵ Entrevista com Carlos Roberto Orrigo da Cunha, ex-atleta e ex-presidente do sindicato, concedido em 17/02/2009.
pág 11

¹⁶ Idem pág 14.

¹⁷ Entrevista com Afonso Celso Garcia Reis, ex-atleta de futebol, concedida em 19/01/2009. pág 12

¹⁸ Entrevista com Zé Mário, ex-atleta e ex-presidente da SAFERJ, concedida em 27/01/2009. pág 2

¹⁹ Entrevista com Carlos Roberto Orrigo da Cunha, ex-atleta e ex-presidente do sindicato, concedido em 17/02/2009.
pág 15

²⁰ Entrevista com Alfredo Sampaio, ex-atleta e atual presidente da SAFERJ, concedida em 17/03/2009. pág 6

²¹ Entrevista com Carlos Roberto Orrigo da Cunha, ex-atleta e ex-presidente do sindicato, concedido em 17/02/2009.
pág 15

²² Idem pág 16.

²³ Entrevista com Afonso Celso Garcia Reis, ex-atleta de futebol, concedida em 19/01/2009. Pág 18.

²⁴ Idem Pág 20

FONTES:

Entrevista com Afonso Celso Garcia Reis, ex-atleta de futebol, concedida em 19/01/2009.

Entrevista com Carlos Roberto Orrigo da Cunha, ex-atleta e ex-presidente do sindicato, concedido em 17/02/2009.

Entrevista com Leovegildo Lins Gama Júnior, ex-atleta, concedido em 09/02/2009.

Entrevista com Zé Mário, ex-atleta e ex-presidente da SAFERJ, concedida em 27/01/2009.

Entrevista com Alfredo Sampaio, ex-atleta e atual presidente da SAFERJ, concedida em 17/03/2009.

BIBLIOGRAFIA

ALVITO, Marcos. 2006. “A parte que te cabe neste latifúndio: o futebol brasileiro e a globalização”. *Análise Social*. (Lisboa), v. 41, p. 451-474.

ARAÚJO, Ricardo Benzaquen. 1980. *Gênios da Pelota, um estudo do futebol como profissão*. Dissertação de mestrado em Antropologia Social, Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro.

BOURDIEU, Pierre. 1983. *Questões de Sociologia*. Rio de Janeiro: Editora Marco Zero Limitada.

_____. 2003. *A Dominação Masculina*. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil.

DAMO, Arlei Sander. 2007. *Do Dom a Profissão: formação de futebolistas no Brasil e na França*. São Paulo: Aderaldo e Rothschild Editora, Anpocs.

FERREIRA, Marieta de Moraes (Org). 1998. *Entre-Vistas: abordagens e usos da história oral*. Rio de Janeiro: Ed. Fundação Getulio Vargas.

FLORENZANO, José Paulo. 1998. *Afonso e Edmundo: a rebeldia no futebol brasileiro*. São Paulo: Musa Editora.

POLLACK, Michael. *Memória, esquecimento e silêncio*. Rio de Janeiro: Revista Estudos Históricos. Vol. 2, nº 3. 1989.

PORTELLI, Alessandro. 1996. “A Filosofia e os Fatos: Narração, interpretação e significado nas memórias e nas fontes orais”. *Revista Tempo*, vol 1. nº 2.

PRONI, Marcelo Weishaupt. 2000. *A metamorfose do Futebol*. Campinas: UNICAMP.

ROCHA. Luiz Guilherme B. S. Porto; NORONHA, Gabriel Vieira. 2007. Elias e Bourdieu: “Para uma sociologia histórica ou seria uma história sociológica?” *Revista Habitus*, Vol: 5, Nº1 47-58.